

FEMINICÍDIO



LUCAS BARBOSA
lucasbarbosa@aragajopovo.com.br

Em meio à redução de Crimes Violentos Letais e Intencuais (CVLI), em tipo de crime de morte não mostrou a mesma melhora no Ceará o feminicídio. Foram 33 casos entre junho e outubro, o que representa um aumento de 13% com relação ao mesmo período do ano passado. Ao todo, pelo menos, 72 atos de violência contra mulheres foram registrados no período. Esse é apenas um dos levantamentos feitos em cinco meses pela Rede de Observatórios da Segurança, projeto do Centro de Segurança e Cidadania (CESC) da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Na tarde de ontem, a Rede divulgou o relatório "Retratos da violência, cinco meses de monitoramento, análises e descobertas", em audiência pública na Assembleia Legislativa do Estado (ALECE). Além do Ceará, Bahia, Pernambuco, Rio de Janeiro e São Paulo são outros dos estados.

O objetivo, conforme os pesquisadores, é elucidar episódios de violência que historicamente não costumam ser divulgados pelos secretarias de segurança — muitas vezes, sequer são registrados. São casos de racismo, agressões a pessoas LGBTI+, intolerância religiosa, ocorrências nos sistemas prisional e socioeducativo e números de operações policiais. Além disso, o relatório traz análises sobre o panorama da segurança pública nos estados e das políticas implementadas pelos governos na área.

A pesquisa, porém, reconhece a questão da subnotificação, que detra de fora diversos fatos dentro das categorias elencadas pela rede de observatórios. Apresentado os resultados da pesquisa, a socióloga Ana Letícia Lins, uma das participantes da pesquisa no Estado, ressaltou que muitos dos episódios elencados tinham como fonte

a imprensa, sendo muitos dos crimes de ódio não chegam. O relatório da pesquisa ainda cita fatores como o comprometimento de expor o caso em delegacias como motivadores da subnotificação em boletins de ocorrência.

Ana Letícia Lins destacou, sobretudo, três dados. O primeiro deles é o de operações policiais. A rede monitorou 937 ações policiais, sendo 149 operações e 88 ações de patrulhamento. Lins destacou que a Secretaria da Segurança Pública e Defesa Social (SSP) do Ceará não divulgou todos os dados totais de operações.

Outro ponto destacado foi a predominância da participação do Ceará no número total de ataques orquestrados por facções criminosas. Os levantamentos apontam que o Estado responde por 84% dos atentados nos cinco estados. Foram 57 ataques somente em setembro, conforme a Rede. Ainda que a Região Metropolitana do Fortaleza tenha concentrado a maioria das ações criminosas, Ana Letícia Lins destacou que diversos municípios do interior registraram ações de facções.

"São populações que não estão dentro dessa dinâmica criminosa e que passam a ter de conviver com essas ações, com uma consequência [negativa] muito grande".

Sobre a violência de gênero, a socióloga destacou a regularidade do uso de facas nas agressões — o que vai de encontro à tendência geral de assassinatos e lesões, praticados, majoritariamente, com armas de fogo. Ela ainda mencionou a violência contra jovens perpetrada dentro da dinâmica de facções criminosas. No relatório da pesquisa, é pontuado ter-se tornado comuns casos em que adolescentes são mortos por mantiverem relacionamentos com membros de facção rival — o que, muitas vezes, não é computado como feminicídio.

Com relação aos feminicídios, "não houve até o momento uma resposta à altura por parte do governo do Estado para a questão", critica a pesquisa. "É muito importante que esse trabalho possa continuar, porque a gente está monitorando indicadores que muitas vezes não são necessariamente dentro de dados oficiais", afirma Ana Letícia Lins.

Análise: Silvia Ramos Para pesquisadora, há foco excessivo na ação policial

Para a coordenadora do Centro de Estudos de Segurança e Cidadania (CESC) da Universidade Cândido Mendes, a cientista social Silvia Ramos, a mais surpreendente descoberta da pesquisa foi a preponderância das ações policiais entre as ocorrências monitoradas. Dos 474 fatos relacionados à segurança pública analisados, 67% distam respeito a operações e patrulhamentos policiais. Muitas vezes, com resultados letais ou feridos, destaca.

Para a pesquisadora, o número indica uma política de segurança pública excessivamente concentrada na Polícia, o que é "preocupante". "Violência e segurança pública se combatem com prevenção, programas sociais, inteligência e também operações policiais. Quando, todo esse campo é tomado por mais de 60% de operações policiais, a gente pensa se estamos tendo políticas de segurança ou políticas de polícia", afirma Ramos. A cientista social observa ser essa uma característica acentuada no Rio de Janeiro — onde, ela diz, as operações seriam ações para resolver quase todo problema de segurança —, mas também ocorre em outros estados.

Para Silvia Ramos é "muito cedo" para estabelecer uma relação entre as estatísticas apresentadas e a política do governo Jair Bolsonaro. Ela aponta, porém, haver um discurso "muito excessivo" que faz analogia ao punitivismo penal e à "radicalização do combate à violência com violência". No Rio de Janeiro, ela ainda acrescenta, esse discurso também é sustentado pelo governador do Estado, Wilson Witziz (PSC), o que se relaciona ao aumento da letalidade policial. "A gente tem uma cultura policial de letalidade. Neste ano, a Polícia no Rio de Janeiro matou, só de janeiro a setembro, 1,42 pessoas legalmente. Não estamos falando nem de milícia, grupo de extermínio", aponta.

Durante a audiência pública, a pesquisadora comentou sobre a subnotificação dos casos de racismo, creditando isso a uma estrutura racista existente no País. "O Brasil é um país racista, mas silêncio sobre isso. São pesquisadores queixas de racismo e injúria racial. (Mas) Todos os indicadores que a gente monitora as principais vítimas são negros e negras e sempre moradores de favelas e periferias".



METODOLOGIA

Nos cinco meses de trabalho, a Rede de Observatórios da Segurança registrou 4.744 fatos relacionados à segurança pública, nos cinco estados que participam da pesquisa. Em cada estado, uma equipe da rede faz levantamentos diários em fontes como a imprensa, grupos de WhatsApp e Telegram e movimentos

sociais. Até um bot que varria redes sociais foi utilizado na pesquisa. No Ceará, conduziram os levantamentos os sociólogos César Barrera, Ana Letícia Lins e Ricardo Moura. Também cobraram o O Povo. Além disso, foram feitos pedidos, por meio da Lei de Acesso à Informação (LAI) para acesso a boletins de ocorrência.

SISTEMA PRISIONAL

HOMO FÓRUM

OPERAÇÕES POLICIAIS

UFC. LEV Seminário sobre violência na UFC chega ao último dia

Chega ao fim nesta sexta-feira, o VI Seminário Internacional Violência e Conflitos Sociais, do Laboratório de Estudos da Violência (LEV), da Universidade Federal do Ceará (UFC). Desde a terça-feira, 39 pesquisadores na área de segurança pública debateram o tema "Facções, Crimes e Segurança Pública". O evento, que é trienal, neste ano marca os 25 anos do LEV. O boletimário e o braço cearense da Rede de Observatórios.

O coordenador do LEV, o sociólogo César Barrera, destaca que o tema foi escolhido a partir da importância da questão para o cenário da segurança pública no Estado nos últimos anos. Ele ressaltou que o evento é aberto à população.

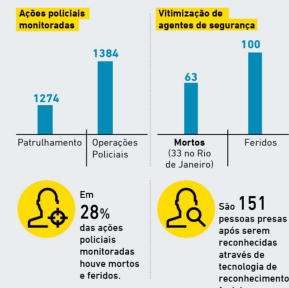
Hoje, pela manhã, ocorreram dias de trabalho, divididos em diversas temáticas, no

Centro de Humanidade III da UFC. À tarde, a partir das 18h30, ocorre a mesa "A agência das mulheres e suas lutas", com acadêmicos e representantes de movimentos sociais. O evento ocorre no auditório Luiz Gonzaga, localizado também no CH III. Já às 18 horas, no mesmo auditório, ocorre a mesa "Segurança, controle, facções, violência e feminicídio". Por fim, a partir das 18h30min, ocorre as conferências de encerramento, já na sede do Sindicato dos Docentes das Universidades Federais do Ceará, no bairro Benfica. Estarão presentes o antropólogo mexicano Salvador Maldonado Aranda, que abordará a situação de violência do México e a socióloga Marta Stela Grossi Porto, da Universidade de Brasília, que possui atuação na área de sociologia da violência.

SOCIOEDUCATIVO

PANORAMA NACIONAL

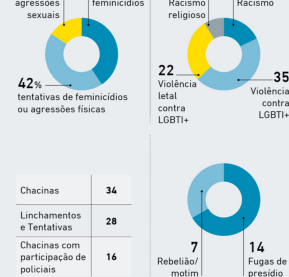
Ao todo, 16 indicadores foram levantados pela Rede de Observatórios



Em 28% das ações policiais monitoradas houve mortos e feridos.

VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

518 casos



ÍNGTERA
Leia o primeiro relatório completo em <https://bit.ly/39eyt4f>

VIOLÊNCIA MONITORADA

PEQUISA | Rede de Observatórios divulga relatório de monitoramento por cinco meses no Ceará e outros quatro estados. Entre os focos, atos de violência que não costumam ser contabilizados pelas fontes oficiais. Aumento de feminicídios é apontado